TL 1683

OPINIÃO

OS NÚMEROS NÃO NOS CALAM!

Não sonho falar dos mortos de Santa Cruz. Nem exaltar o "maravilhoso mundo novo" que nos permite, graças à técnica, ser testemunhas dum massacre a catorze mil quilómetros de distância. Nem tecer elogios à bravura dos novos heróis de guerra que são os jornalistas nos focos de tensão espalhados pelo mundo.

Pese embora toda a verdade destas linhas que acabo de escrever, pesa também em nós Timor. Pesam dezasseis anos de costas voltadas, pesam milénios e esquecimentos cúmplices do poder de muitos governos. Pesam preocupações mesquinhas sobre o tempo das chuvas e as bagagens duma visita parlamentar adiada.

Mas também de nós, da maioria de nós, pessoas individuais ou colectivas, pesam o esquecimento e a falta de solidariedade.

Foi talvez o tempo e a distância que fizeram arredar das nossas consciências o martírio e a luta de Timor.

Porque a solidariedade tem destas coisas: com as distâncias diminui a incidência do sentir, como se se medisse em metros e em anos a nossa capacidade de empatia na dor, na luta pela vida e pela liberdade.

As imagens gravadas no vídeo do jornalista americano tiveram o condão de nos aproximar, de varrer os milhares de quilómetros de mar para nos despertarem.

Mas nós não despertamos. Explodimos. Abrimos os olhos um dia, dando conta de que nunca tínhamos dado conta!

Foi preciso vir alguém de fora para nos mostrar (sempre este lusitano pendor trágico-fatal de que o que é bom vem do estrangeiro...).

Que o sejamos nós, um punhado de uns tantos que ano após ano, sessão em sessão, de exposições, colóquios, debates, denunciamos tantos "cemitérios de Santa Cruz".

Por isso posso afirmar que não se constituiu em choque o vídeo divulgado dias a fio pelos noticiários nacionais. Posso mesmo dizer que ficou muito aquém das nossas expectativas, não porque presumíssemos ser um banho de sangue e de Terror, mas porque apesar da brutalidade das imagens elas não são um décimo dos relatos que ouvimos ao longo destes dezasseis anos da barbárie inumana e do cinismo da ocupação Indonésia de Timor.

Relatos e testemunhos de outros massacres, de outras torturas, de vidas diariamente ameaçadas e esmagadas, numa existência sem amanhã e que ajudámos a crescer e a multiplicar nos tempos difíceis das sessões com 10, 15, 20 pessoas, quase só amigos, dos projectos sem dinheiro, sem propaganda e divulgação, sem apios de espécie alguma.

Que o elogio em boca própria é vitupério, mas que ninguém o entenda aqui, assim. Não se trata de corrida às medalhas de mérito das solidariedades, mas de alertar para os perigos de que tudo é fácil. Estudantes duma escola fazem uma exposição sobre Timor — vai lá a rádio, a TV divulga. Um grupo, um sindicato, um clube de futebol realizam uma acção sobre Timor — está lá a imprensa escrita, local e nacional.

Não que não nos regozigemos com toda esta onda de solidariedade (aliás, um sonho e uma batalha de longos anos). Mas porque onde — força em movimento — significa também em gíria actual, moda passageira, curtição, "o que está a dar!", para não falar dos ritualismos tão ao nosso gosto, que estafam imagens e despem de sentido as coisas, à força de repeti-las na cadência dos dias marcados milimetricamente nos nossos calendários — falo das velas diariamente acesas, das sessões todas aos sábados, dos debates todas as quartas, dos desfiles todas as sextas, dos espectáculos, sempre, todos os domingos...

Que ser solidário não é só sair à rua com dia marcado, gritando slogans e empunhando cartazes. É ter espírito crítico, saber analisar e saber ver com olhos de ver.

É perceber, por exemplo, o cinismo da

Indonéisia e dos governos que com ela pactuam (leia-se Austrália, América, Inglaterra...), no acordo sobre o número de mortos a apresentar no relatório. Qual o número que fará a opinião pública calar-se? Vinte? Trinta? Cinquenta?

Fala-se de vidas, de gente, ou são licitamentos de leilão, feira de gado? Quem dá mais?!

Achar o número do consenso. Bate-se no puto — minha culpa! Efectivamente foi cinquenta que matámos!

Números não chegarão para nos calar, nunca. O fundamental não é o número mas o acto. Fosse um só timorense morto pelos milhares de balas assassinas e isso chegaria para levantar as nossas vozes e apontar o assassino.

No tempo em que tudo se mede e pesa e a força dos números rege o mundo e comanda consciências, que tenhamos a clareza de espírito e a inteligência que baste para olhar aos conteúdos, pondo de lado os invólucros danados com que nos nossos dias se vai embrulhar mentiras.

Esta consciência, sim, é ser solidário!

Preciosa Amaral

APRENDER A FAZER, FAZENDO...

É difícil imaginar, para quem não passa do Secretariado Nacional do MCP, o volume de trabalho que lá se faz. Também pode não passar pela cabeça de muitas pessoas que as actividades que o MCP desenvolve anualmente obedecem a um plano previamente elaborado, plano esse que pressupõe a existência de projectos concretos.

Ora os projectos do MCP são feitos pelos seus sócios, nos seus respectivos Grupos de Trabalho e/ou locais. Se o SN se limitasse a receber os projectos dos sócios e enviá-los às instituições financiadoras, poucos ou quase nenhum desses projectos seriam financiado. Por quê? Exatamente porque os nossos projectos não seguem as regras exigidas para que eles se tornem numa coisa "com pés e cabeça".

Até ao final do ano passado, isto acontecia porque não sabíamos elaborar um projecto e ninguém nos tinha ensinado a fazê-lo.

O MCP, através do SN, foi-se apercebendo dessa lacuna, à medida que ia vendo cada vez mais entulhado de pseudo-projectos que careciam de uma reestruturação senão mesmo fazê-los novamente. E esse trabalho todo caía, quase por inteiro, nas mãos da Filomena e da Teresa Cunha.

FORMAR, FORMANDO...

Acontece que o MCP foi crescendo e foi-se envolvendo em mais actividades. Afinal, um projecto implica outros projectos, porque ele é algo de "dinâmico".

Foi por estas razões todas e outras que o SN decidiu, este ano, levar a cabo acções de formação. A primeira dessas acções ocorreu no fim-de-semana de 8 e 9 de Fevereiro, na Quinta da Fonte Quente, na Tocha.

No sábado, primeiro dia, uma simulação de uma situação idêntica à que o SN se vê obrigado a enfrentar na apresentação dos seus projectos serviu de jogo didáctico para o tema "Trabalho/Projecto".

Montou-se uma loja e criaram-se três instituições financiadoras. Por outro lado existiam três grupos interessados em fazer qualquer coisa. Esses grupos tinham de descobrir o que pretendiam fazer, concretizar a ideia num projecto, com os respectivos objectivos, fazer o orçamento do projecto e partir à procura de financiamentos. Assim descrito parece uma coisa simples, mas quem esteve lá viu como é complicado, ainda que facilitado quando comparado com a vida real.

O dia seguinte, Domingo, serviu para a aquisição de conhecimentos teóricos sobre a elaboração de um projecto.

Para os que não estiveram nesse fim-de-semana, o "MC", nos próximos números, irá publicar partes do esquema modelo para a elaboração do Projecto.

Antes de terminar, é justo dizer que a noite de sábado foi preenchida com um serão concorrido e divertido, montado com base nos projectos feitos no jogo-simulado, ao longo da tarde.

Esta foi a primeira acção de formação. Haverá muitas outras ao ritmo de uma por mês. A próxima é já neste mês de Março. Está atento ao teu correio. Contamos contigo!

JN: "Movimento Cristão para a Paz", Abril/Maio-92 Coimbra